

**“FRANCISCO DA COSTA DA MINA CHEYO DE BOBAS”;
“CONSTANTINO MESTIÇO [...] CALDEYREYRO [...] E
XARAMELEYRO”: EXPLORAÇÃO, MAUS TRATOS E NOVAS
FORMAS DE SOCIABILIDADES NA DIÁSPORA AFRICANA**

Norma Suely da Silva Pereira (UFBA)
normasuelypereira@yahoo.com.br

RESUMO

A leitura de documentos manuscritos do período colonial revela aspectos da crueldade a que os africanos e seus descendentes foram submetidos por ocasião da diáspora negra na América portuguesa, assim como informa sobre os modos de resistência encontrados. A leitura filológica de fontes primárias além de ampliar a informação acerca dos horrores sofridos por homens, mulheres e crianças escravizados, que representaram a força de trabalho que construiu o novo mundo, possibilita também o conhecimento sobre as novas formas de sociabilidades tecidas pelos negros no contexto do cativo. No presente estudo, por meio de análise filológica integrada a conhecimentos da Paleografia, da História cultural e da Terminologia, busca-se ratificar a importância da utilização de metodologia transdisciplinar nos estudos filológicos, notadamente os que se apliquem a documentos manuscritos de épocas pretéritas. Desse modo, examinam-se aspectos relativos à avaliação e às práticas profissionais dos escravizados registradas em inventários e testamentos datados dos séculos XVII e XVIII com o objetivo melhor de conhecer a língua e as práticas culturais do período.

Palavras-chave:

Escravidão. Filologia. Paleografia. Terminologia. Manuscritos coloniais.

ABSTRACT

Reading manuscript documents from the colonial period reveals aspects of the cruelty that Africans and their descendants were subjected to during the black diaspora in Portuguese America, as well as informing them of the forms of resistance encountered. The philological reading of primary sources, in addition to expanding the information about the horrors suffered by enslaved men, women and children, who represented the workforce that built the new world, also enables knowledge about the new forms of sociability created by blacks in the context captivity. In this study, through philological analysis integrated with knowledge of Palaeography, Cultural History and Terminology, we seek to ratify the importance of using transdisciplinary methodology in philological studies, notably those that apply to manuscript documents from past times. In this way, aspects related to the evaluation and professional practices of the enslaved people, recorded in inventories and testaments dated from the 17th and 18th centuries, are examined in order to better understand the language and cultural practices of the period.

Keywords:

Paleography. Philology. Slavery. Terminology. Colonial manuscripts.

1. Introdução

Os meandros dos quase quatro séculos de escravidão negra na América portuguesa podem ser investigados por meio da análise de documentos notariais que dão um testemunho acerca de aspectos da exploração e dos maus tratos a que estiveram submetidos os escravizados durante o período colonial. O sistema escravocrata produziu uma série de horrores contra os povos que foram sequestrados em África e sujeitados ao trabalho forçado em contextos ainda nem sempre devidamente estudados. A leitura filológica de fontes primárias, além de ampliar a informação acerca dos horrores sofridos por homens, mulheres e crianças escravizados, que representaram a força de trabalho que construiu o novo mundo, possibilita também o conhecimento sobre as novas formas de sociabilidades tecidas pelos negros no contexto do cativeiro. As fontes documentais, produzidas com fins sociais específicos, conservadas em acervos públicos e privados, nacionais e internacionais, constituem-se hoje em preciosos repositórios de informações acerca da memória das sociedades de épocas passadas, guardando rastros de atitudes, conflitos, e contradições do passado.

No presente estudo, a análise filológica aplicada a manuscritos da Bahia colonial se realiza, numa perspectiva transdisciplinar, integrada a conhecimentos e métodos da Paleografia, da História cultural e da Terminologia com o objetivo de melhor compreender o contexto sócio-histórico e linguístico registrados nas fontes manuscritas selecionadas. Desse modo, examinam-se aspectos relativos à avaliação, às condições de trabalho e às práticas profissionais dos escravizados, por meio dos dados registrados em inventários e testamentos coloniais datados dos séculos XVII e XVIII com o objetivo melhor compreender aspectos relativos às práticas culturais e às relações sociais no contexto da escravidão negra, bem como para ampliar o conhecimento acerca da língua portuguesa do período.

Conforme define Segismundo Spina (1994), a Filologia, que investiga o texto verbal, ocupando-se de sua crítica externa e interna, utiliza-se para a explicação dos textos, de três funções principais: a subjetiva, a adjetiva e a transcendente. Por meio da primeira, o filólogo realiza a fixação e explicação do texto. Já a adjetiva busca esclarecer questões relativas à autoria, datação e outras que não estejam explícitas nos textos. A terceira, a função transcendente, aquela que mobiliza conhecimentos diversos para examinar valores, práticas e concepções ideológicas presentes nos registros escritos, é que será privilegiada na análise aqui reali-

zada para melhor compreensão do contexto colonial (PEREIRA, 2017; SPINA, 1994).

O corpus selecionado para o estudo compõe-se de uma seleção de documentos notariais, a saber: testamentos e inventários *post mortem* recolhidos no *Livro I* do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia, documentos já previamente editados e disponibilizados *online* (LIVRO I, 2016). Os testamentos, como assinala Bellotto (2002), são documentos diplomáticos que testemunham a vontade do testador sobre o que deseja que se faça, com o seu patrimônio material, depois da sua morte. Já os inventários *post mortem*, segundo esclarece a mesma autora, são também documentos diplomáticos e testemunhais nos quais são relacionados de modo detalhado, os bens e dívidas provenientes de uma herança, com seus correspondentes valores.

A escolha das espécies documentais se deveu ao caráter descritivo de tais fontes, que registram além do patrimônio, os hábitos, cultura e crenças de integrantes da elite colonial, desenhando o perfil dos indivíduos cuja classe que é formada, principalmente pelos senhores possuidores de escravos.

2. *Uma violência de muitas faces*

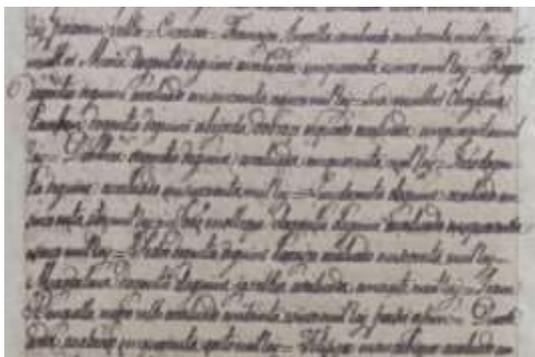
Da análise dos documentos selecionados observa-se que, na sequência da violência do apresamento em África e do tráfico transatlântico, os africanos são espoliados de suas identidades, de seus laços de família e de quaisquer outras formas de sociabilidades, tendo de reconstruí-las no contexto hostil e adverso do cativo na América portuguesa. Ainda no porto africano ou logo após o desembarque, inicia-se o processo de silenciamento cultural, quando os cativos são compulsoriamente batizados na fé católica. Na documentação examinada, a menção aos escravizados é feita em geral por um prenome em língua portuguesa, indicando outra forma de violência que é a substituição, para efeito legal, da denominação pessoal dos escravizados (PEREIRA; GONÇALVES, 2019). Destituídos de sua humanidade e comercializados em portos e mercados como bens de produção, os escravizados são separados em lotes e negociados conforme suas características e relativas adequações ao trabalho.

No *corpus* constituído para o presente estudo, dadas as características dos documentos selecionados, o exame das marcas linguísticas

permite a observação do panorama que envolveu a sociedade da Bahia colonial, revelando os comportamentos, práticas e valores da elite colonial, bem como os aspectos da cruel exploração dos escravizados, se as novas formas de sociabilidades e resistência construídas por estes na América.

No contexto coletivo do cativo, o escravizado que possuía em geral apenas um prenome, era então identificado por um ou mais epítetos que faziam menção à sua origem, etnia, faixa etária e ocupação, dentre outras características significativas para a identificação e comercialização no aviltante mercado negro:

Figura 1: Inventário do Sargento Mayor A.B.B., 1690, f. 232r, L. 4-14.



Fonte: *LIT*, f. 232r, L. 4-14

Transcrição:

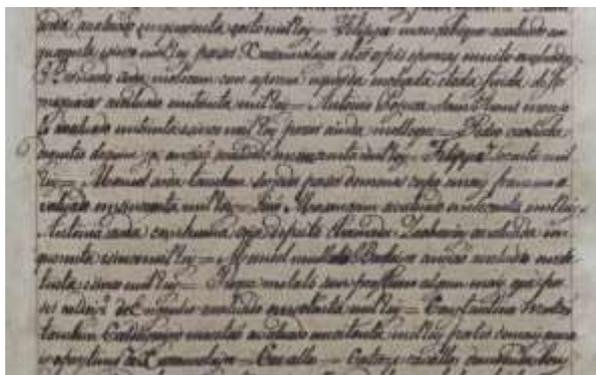
[...] = Escravos = Francisco Angolla avaluado emseçenta mil reis = Sua/mulher Maria dogentio deguiné avaluada emquarenta esinco mil reis = Roque/ dogentio deguiné avaluado emsincoenta esinco mil reis = Sua mulher Christina/tambem dogentio deguiné alejada dobraço esquerdo avaluada emquarentamil/ reis= Dorothea dogentio deguiné avaluada emquarenta mil reis = João dogentio deguine avaluado emsincoenta mil reis = Luis dogentio deguiné avaluado em/sincoentaetres mil reis = João molleque dogentio deguine avaluado emquarenta/ esinco mil reis = Pedro dogentio deguiné taxeyro avaluado emseçenta mil reis = Magdalena dogentio deguine ja velha avaluada emvinte mil reis = Joan/Benguella negro velho avaluado emtrinta esinco mil reis porser assim = Duarte arda avaluado emquarenta oito mil reis = Felipe mançabique avaluado em [...] (IS-MABB, 1690, *LIT*, f. 232r, L. 4-14)

Na leitura do fragmento acima, observa-se que os negros vêm de várias regiões da África. Os adjetivos que remetem à origem, *gentio da guiné*, *Angola*, *Benguela*, *ardra*, *Moçambique*, *gege* não são, contudo,

informações tão precisas. Tais denominações, como assinala Mattos (2006), podem referir-se à região de origem ou ao porto de embarque, podendo mesmo estar de acordo com o entendimento do *scriptor* encarregado do registro. A expressão *gentio da guiné*, por exemplo, conforme analisa Portela (2014), foi utilizada genericamente no início da colonização, com o sentido de escravizado africano, procedente da região Congo-Angola, ou de vários pontos da costa ocidental africana, em oposição ao *gentio da terra*, o índio escravizado. Do trecho recortado é possível observar que o cativo não poupa nenhuma faixa etária: desde os mais jovens até os de idade avançada, todos são recrutados ao trabalho forçado. Observa-se também que a faixa etária, mencionada de modo pouco preciso, é um fator significativo para a avaliação: tanto os de pouca idade, como o *Joaão molleque dogentio deguine*, quanto os mais velhos, a exemplo de *Magdalena dogentio deguine ja velha* e *Joan Benguella, negro velho*, são pouco valorizados, relativamente aos que se encontram na faixa mais produtiva, considerando-se as diferenças por gênero. Quanto ao aspecto da ocupação ou ofício, embora fosse um elemento importante na avaliação, nem sempre era mencionado na documentação examinada.

Outro aspecto relevante da violência praticada contra os escravizados, evidenciado na leitura das fontes, é a manutenção no cativeiro de indivíduos fragilizados, seja pela idade avançada, seja pela ocorrência de doenças, consequência, certamente das precárias condições de vida a que eram submetidos os escravizados, como se pode observar nos exemplos a seguir:

Figura 2: Inventário do Sargento Mayor A.B.B., 1690, f. 232r, L. 14-27.



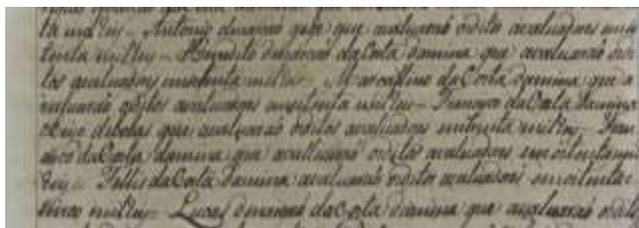
Fonte: LIT, f. 232r, L. 14-27.

Transcrição:

[...] arda avaluado emquarenta eoitto mil reis = Felipe mançabique avaluado em/ quarenta esinco mil reis por ser Xarameleyro eter os pés epernas muito enchadas/ Bernardo arda molecam com a perna esquerda enchada etoda ferida defor/migueiros avaluado emtrinta mil reis = Antonio Pojuca Sam Thomé monjo/lo avaluado emtrinta esinco mil reis porser ainda molleque = Pedro cachaba do gentio de guine já ançião avaluado em sincoenta mil reis= Felipe+ secenta mil/reis= Manoel arda tambem serrador porser demenos corpo emais franzino a/valuado emsincoenta mil reis = João Masangam avaluado emseçenta mil reis =/ Antonia arda comhuma cria depeito chamada Zacharias avaluada em quarenta esinco mil reis = Manoel nullato Barbeyro ançião avaluado emse/tenta esinco mil reis = Roque molato sem prestimo algum mais que por/ ser caldeyreiro deEngenho avaluado emsetenta mil reis = Constantino Mestiço tambem Caldeyreiro mosetaõ avaluado emoitenta mil reis porter demais ama/is oprestimo de Xarameleyro = [...] (ISMABB, 1690, LIT, f. 232r, L. 14-27)

Pela leitura dos dois trechos acima, é possível observar as difíceis condições de saúde dos escravizados, resultado de situações insalubres de vida e trabalho. Nesse pequeno grupo de 24 cativos que o testador declara possuir, encontram-se, além dos anciãos, uma escravizada com uma deformidade, *Christina/tambem dogentio deguiné alejada dobraço esquerdo*, e dois cativos com pernas inchadas, *Felipe mançabique* [que tem] *os pés epernas muito enchadas*, e um outro, ainda jovem, vítima do ataque de formigas: *Bernardo arda molecam com a perna esquerda enchada etoda ferida defor/migueiros*. Além desses, há um escravizado descrito como *franzino*, e mais uma lactante com seu filho: *Antonia arda comhuma cria depeito chamada Zacharias*. As doenças e as deformidades nesse contexto podem ser devidas às precárias condições de vida e trabalho, ou resultado dos castigos físicos, um dos principais motivos de deformidades e morte entre os escravizados, como sugerem os exemplos acima destacados. Outro contexto gerador de doença é a falta de assistência à saúde, como de pode observar no fragmento abaixo:

Figura 3: Inventario dos beñs queficaraõ porfallaçimento do Padre Alexandre Pereira do Lago, 1764.



Fonte: LIT, f. 268v, L. 31-37.

Transcrição:

ta mil reis = Antonio denasção gege que avaluaraõ os ditos avaluadores emse/tenta mil reis = Benedito denasção daCosta damina que avaluaraõ os di/tos avaluadores emsetenta mil reis = Marçallino da Costa da mina que a/valuarãõ os ditos avaluadores emsetenta mil reis = Francisco da-Costa da mina/ **cheyo debobas** que avaluaraõ os ditos avaluadores emtrinta mil reis = Fran/cisco da Costa da mina que avaluaraõ os ditos avaluadores emoitenta mil/ reis = Fellis da Costa da mina avaluaraõ os ditos avaluadores em oitenta e cinco mil reis = Lucas denasção da costa damina que avaluaraõ os ditos [...] (IPAPL, 1764, *LIT*, f. 268v,L.31-37) [grifo nosso]

No trecho acima, chama a atenção o epíteto utilizado para fazer a desambiguação entre dois escravizados de mesmo prenome e mesma origem: *Francisco da Costa da mina*. O primeiro deles é indicado pela menção a uma doença que os distingue: *cheyo debobas*. O termo *boba*, de boubá, refere-se a uma patologia, também chamada *buba* e *framboesia*. Trata-se de uma moléstia tropical, causada pela bactéria *Treponema pallidum* que se apresenta pela proliferação de feridas na pele, podendo atingir ossos e articulações e causar lesões mais graves, inclusive levando a deformidades. Sua transmissão se faz pessoa a pessoa, principalmente em ambientes em que as condições sanitárias são precárias. Àquela época, não tinha um tratamento específico (MUNIZ, 2013).

3. *Novas formas de sociabilidades na diáspora africana*

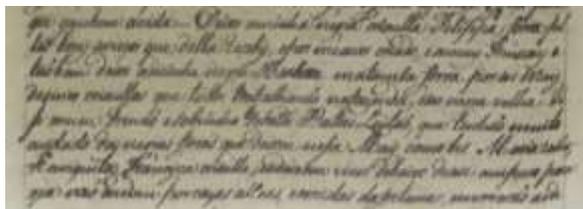
Quanto aos ofícios e ocupações desempenhados pelos cativos, é possível observar que são variados, mas que não são mencionados com regularidade. Os que aparecem com mais frequência nas fontes consultadas são os ofícios mais especializados, naturalmente por implicarem em maior valorização do escravizado nas avaliações. No contexto da colônia os escravizados eram selecionados para compra em função das habilidades que apresentassem. Na documentação consultada, são mais frequentes os ofícios ligados à realidade do Engenho de açúcar: tacheiro, caldeireiro, serrador, embora apareçam alguns mais ligados ao contexto dos ganhadores da zona urbana, a exemplo de Xarameleiro, que é um músico, tocador de um instrumento de sopro denominado charamela, ofício muito valorizado no período e Barbeiro. Alguns cativos, inclusive, possuíam mais de um ofício, como se pode observar nos trechos: *Pedro dogentio deguiné taxeyro*, *Roque molato* [...] *caldeyreiro deEngenho*, *Manoel arda tambem serrador*, *Constantino Mestiço tambem Caldeyreiro* [...] e *Xarameleyro*, *Manoel mullato Barbeyro ançiaõ*. Quanto

aos ofícios praticados na área urbana, era comum que os escravizados fossem estimulados a aprendê-los, para que fossem depois direcionados ao trabalho de ganhadores, uma forma de exploração da mão-de-obra escrava que podia render benefícios para o senhor e para o cativo, que ficava com uma parte dos rendimentos e, ao fim de muitos anos, conseguia muitas vezes o suficiente para comprar a própria alforria e de seus familiares (REIS, 2019).

A leitura faz fontes manuscritas oportuniza também o conhecimento acerca dos laços de família estabelecidos no cativo, numa forma de resistência contra toda forma de dispersão e dissolução das estruturas sociais que a escravidão estimulou. É comum, nas fontes consultadas, que os escravizados estabeleçam vínculos familiares como os citados nos exemplos acima: *Francisco Angolla avaluado emseçenta mil reis = Sua/mulher Maria dogentio deguiné avaliada emquarenta esinco mil reis = Roque/ dogentio deguiné avaluado emsincoenta esinco mil reis = Sua mulher Christina/tambem dogentio deguiné [...] (LIT, f. 232r, L. 4-7).*

Conforme assinala Pereira (2017), a alguns poucos escravizados com quem os senhores desenvolvessem laços de amizade, era comum que, ao se prepararem para o fim da vida, buscando demonstrar uma atitude cristã, caridosa e benevolente, para cumprir o ritual da “boa morte”, oferecessem a alforria, que, embora registrada em testamento, ganhando, portanto, valor legal, só se concretizaria após a morte do senhor, o que, por vezes, não se efetivaria, dadas as condições adversas da vida no cativo:

Figura 4: Testamento do Sargento Mayor Antonio Baldes Barboza. 1687.



Fonte: *LIT* fº 229vº, L. 23-36.

Transcrição:

[...] Deixo aminha negra crioulla Felippa forra pel/los bons serviços que della reçoey, epor meaver criado, eameus Irmaons e/ taõ bem deixo aminha negra Barbara matamba forra por ser May/ desinco crioullos que todos trabalhavaõ nafazenda, eser negra velha= Pes/so ameu Irmaõ esobrihno Geraldo Baldes Leytaõ, que tenhaõ muito/cuidado das negras forras

que deixou nossa May como hê Maria velha/e Henriquita Francisca cri-
oulla, eosdeixem viver debaixo deseu amparo para/que não andem porca-
zas alheas, ecorridas dafortuna, emorreraõ ao de [...] (TSMABB *LIT* f^o
229v^o, L. 23-36)

4. *Considerações finais*

A análise filológica de documentos manuscritos da Bahia colonial permite uma ampliação acerca dos conhecimentos sobre as atitudes, práticas e valores dos sujeitos que viveram naquela sociedade. Aqui, objetivou-se dar ênfase a aspectos das relações travadas entre escravizados e colonizadores.

As práticas de aviltamento e violência contra os povos africanos e seus descendentes na América portuguesa vão desde formas de violência psicológica e moral, pelo assujeitamento dos indivíduos a uma língua e cultura diversa da sua, até as formas mais cruéis de toda forma de violência física. A documentação remanescente do período colonial registra vários aspectos dessas formas de violência, bem como das estratégias de resistência por parte dos cativos.

Os documentos notariais mostram a influência do pensamento ocêntrico nas atitudes da sociedade, que são, na verdade apenas formais, uma vez que, além de se servir do trabalho escravo, a elite colonial comete contra os escravizados toda forma de atrocidades.

Por fim, destaca-se a importância e amplitude da análise filológica que, ao esclarecer o texto manuscrito, possibilita a sua utilização por outros tantos pesquisadores de áreas diversas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLOTO, H. L. *Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de Arquivo*. São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

CAMBRAIA, C. N. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LIVRO I do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia. Salvador, Mosteiro de São Bento. Edição semidiplomática. Coord. Marla Oliveira Andrade. In: LOSE, A.D.; PAIXÃO, D. G., OSB. (Org.) *Livros do Tombo*

do Mosteiro de São Bento da Bahia. Salvador: Memória & arte, 2016. Disponível em: <http://saobento.org/livrosdotombo/livros/livro-i/>

MATTOS, R. A. *De cassange, mina, benguela a gentio da Guiné: grupos étnicos e formação de identidades africanas na cidade de São Paulo (1800-1850)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História da USP. São Paulo, 2006.

MUNIZ, Érico Silva. *Basta aplicar uma injeção? Desafios e contradições da saúde pública nos tempos de JK (1956-1961)*. [on-line]. Belo Horizonte-MG: Fino Traço; Campina Grande-PB: EDUEPB; Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2013.

PEREIRA, Norma S. da S. Edição de testamentos: aspectos do contexto sócio-histórico e as práticas culturais. In: *Revista da ABRALIN*, São Carlos, V. 16, n. 3, p. 467-83, jan./fev./mar./abr. 2017.

PEREIRA, Norma S. da Silva; GONÇALVES, Eliana C. Brandão. Filologia e Onomástica: o que dizem as fontes sobre os processos de nomeação no contexto da Bahia colonial. In: LOPES, Norma da Silva; SANTOS, Elisângela Santana dos; CARVALHO, Cristina dos Santos (org.). *Língua e sociedade: diferentes perspectivas, fim comum*. São Paulo: Blucher, 2019. p. 81-97

PORTELA, B. M. *Gentio da terra, gentio da guiné: a transição da mão de obra escrava e administrada indígena para escravidão africana (Capitania de São Paulo, 1697-1780)*. Curitiba, 2014. 386 f. Tese de Doutorado em História. Universidade Federal do Paraná. Orient. Dr. Luiz Geraldo.

REIS, J. J. *Ganhadores: a greve negra de 1857 na Bahia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SPINA, Segismundo. *Introdução à Edótica: Crítica Textual*. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Ars poética: EDUSP, 1994.